Programa de curso

Disciplina: SOA 983 –H2/Tópicos Esp. em Antrop.: Religiões de Matriz Africana (Cartografia das Forças e das Formas)
Professor: Edgar Rodrigues Barbosa Neto/ edgar.barbosa.neto@gmail.com
Ano e Semestre: 2019/1º
Carga Horária: 60 hs (4 créditos)
Horário: Quarta-feira de 8h às 12h

EMENTA

O objetivo inicial deste curso é duplo. Em primeiro lugar, trata-se de reler as duas obras clássicas de Roger Bastide ('O Candomblé da Bahia' e 'As religiões africanas no Brasil') tomando como referência a maneira como em cada uma delas se organizam as relações entre o que ele denominou de 'princípios do corte, da participação e da correspondência', para então, num segundo momento, avaliar a possibilidade de reativar esses 'princípios' a partir da leitura de etnografias mais recentes. Veremos que esses 'princípios' não dispõem de uma posição fixa na descrição que Bastide faz das religiões africanas no Brasil, cada um deles alternando com os outros a posição de frente e de fundo, de englobante e de englobado, um movimento que parece depender da forma religiosa que está sendo descrita, se o candomblé, a umbanda, o batuque, ou mesmo a diversidade que cada um desses nomes, entre tantos outros, recobre. Essa alternância provavelmente fornecerá uma pista importante para o que neste curso se tentará caracterizar pela expressão 'cartografia das forças', cujo uso será mais bem precisado no decorrer do semestre. O propósito de Bastide era descrever, em suas próprias palavras, a 'organização dos canais de participação e passagem entre as forças', e os 'princípios do corte, da participação e da correspondência' parecem compor os agenciamentos, notadamente variados, que organizam esses canais e orientam a criação de encontros entre essas diferentes forças. A hipótese que se pretende examinar neste curso é a de que a conexão entre esses 'princípios' constitui um agenciamento de natureza simultaneamente estética e política, uma 'cartografia' (Deleuze e Guattari), ou uma 'psicotopografia' (Hakim Bey), que supõe a existência de um mundo repleto de comunidades e de corpos feitos de múltiplos lados, de seres e de forças que viram, passam e se enredam uns com os outros, expressão de uma cosmologia que, nas suas articulações mais fundamentais, neutraliza a emergência do racismo religioso e desloca a intolerância pela afirmação coletiva de um pluralismo radical.